



INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS

**VI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE LISBOA  
A DEFESA DA EUROPA E O CONSENSO ATLÂNTICO**

15-17 de Dezembro de 1988

**EM DEFESA DA ESTABILIDADE CONVENCIONAL**

**Alton G. Keel, Jr.**

Representante dos EUA no Conselho do Atlântico Norte

## I. INTRODUÇÃO

Ao aproximarmo-nos do final do ano, é chegada a altura de fazer um balanço do ano que finda e de olharmos para o que vai entrar. Hoje, sinto-me à vontade para falar destas duas questões. Entre as acções realizadas no ano passado incluem-se:

- ratificação do Tratado INF, seguida dos primeiros passos para a retirada e destruição dos mísseis nucleares de terra de alcance intermédio;
- reafirmação da estratégia de dissuasão da NATO pelos Chefes de Estado durante a cimeira da NATO em Março passado, seguida de um desafio ao Leste para reduzir significativamente as suas armas convencionais;
- confirmação da abordagem passo a passo do Grupo Ministerial de Planeamento Nuclear da NATO (NPG) , em Outubro, no sentido de assegurar a modernização das armas nucleares;
- preparação e publicação, no mês passado, de um documento comparativo sobre forças convencionais entre o Leste e o Ocidente: “Armas Convencionais na Europa: Os Factos”;
- adopção, há duas semanas, de um documento de longo alcance futuro, intitulado “Reforço da Segurança Colectiva da Europa: Partilha dos Papéis, Riscos e Responsabilidades na Aliança”;
- divulgação, na semana passada, da postura negocial da Aliança nas Conversações sobre Estabilidade Convencional;
- e, finalmente, os avanços alcançados no seio dos Conselhos da NATO quanto ao “posterior desenvolvimento de um conceito global de controlo de armamento e desarmamento” – um documento-chave que estará pronto antes da reunião da Primavera do Conselho da Aliança do Atlântico Norte, em sessão ministerial.

Em suma, nós, os dezasseis países, fizemos progressos este ano em cada uma destas sete questões, naquilo que pode ser considerado um recorde de acções sem precedentes. Ao aproximarmo-nos de 1989 e do nosso 40º aniversário, não vos deveis surpreender de nos verem manter, e até mesmo ultrapassar, este extraordinário ritmo.

Referir-me-ei hoje a quatro desafios que iremos enfrentar no próximo ano, que podemos classificar em duas categorias:

Ocidente-Ocidente e Leste-Ocidente. Na primeira categoria, incluiria as *relações transatlânticas* e o cepticismo público relativamente à nossa *dissuasão nuclear*. Na segunda categoria – Leste-Ocidente – incluiria as nossas relações com a *União Soviética* e com a *Europa de Leste*. Finalmente, referir-me-ei às Conversações sobre Estabilidade Convencional, nas quais enfrentamos estes quatro desafios.

## II.DESAFIOS

### A. A Relação Transatlântica

O *primeiro* desafio – produto dos êxitos alcançados pela NATO no passado – é a adaptação às realidades económicas e políticas da Europa Ocidental. Em termos simplistas, o desafio resume-se a orientar a relação transatlântica.

A política norte-americana na era do pós-guerra tem sido a de apoiar a unidade e a cooperação de defesa da Europa Ocidental. Essa política mantém-se clara hoje, quando o Presidente Reagan afirmou em Fevereiro deste ano:

“Nós, nos EUA., apoiamos a cooperação de defesa multilateral e bilateral entre os nossos parceiros europeus, do tipo da que a União da Europa Ocidental, e os Governos da Alemanha Federal e da França, e outros Governos, têm demonstrado no âmbito geral da Aliança.

Tal cooperação e coordenação são essenciais para o reforço do pilar europeu da Aliança e, dessa forma, da Aliança como um todo”.

Assim, onde está o desafio? Existe o desafio de lutar para atingir uma partilha mais equitativa dos papéis, dos riscos e das responsabilidades – vulgarmente denominado partilha dos encargos – que, em parte, se tornou mais premente devido aos problemas políticos e económicos existentes nos Estados Unidos. Como corolário, existe o desafio de reconhecer e aceitar uma maior influência política europeia.

O facto da Europa Ocidental, cuja economia e território foram devastados pela guerra, ter ficado dependente dos Estados Unidos quando se fundou a NATO, foi compreensível e até mesmo inevitável. Não é esse o caso actualmente. Assim, tanto europeus como norte-americanos questionam esse relacionamento.

Além disso, a nossa percepção é de que muitos europeus estão cada vez mais conscientes e inquietos com os encargos impostos pelo estacionamento de forças

norte-americanas da NATO – apesar do reconhecimento de que não existe qualquer alternativa viável.

Chegou a altura própria para ajudar e encorajar a criação daquilo que alguns consideram um verdadeiro pilar da NATO – *no seio* da Aliança. E, por sua vez, os europeus esperarão uma influência maior nas tomadas de decisão relativas à segurança europeia. Assim, aquilo que devemos procurar não é meramente uma partilha mais equitativa dos encargos, mas um relacionamento mais equitativo.

Sinto-me orgulhoso pelo facto da Aliança ter acompanhado este desafio com a publicação de um relatório sobre partilha de encargos, no princípio de Dezembro e do seu empenhamento em financiar a transferência da 41<sup>a</sup>. ala de combate táctico de Espanha para Itália.

## **B. Armas Nucleares**

O *segundo* desafio respeita às armas nucleares – ou, mais precisamente, à posição que os nossos cidadãos assumem relativamente a elas. Resumidamente, o problema é o da crescente tensão entre a necessidade que a Aliança tem destas armas e o desagrado com que muitas pessoas nas nossas sociedades as encaram.

Podemos facilmente compreender essa aversão – esse anseio de nos libertarmos dos dilemas políticos e das dúvidas morais que acompanham a nossa confiança nessas armas, para não dizer a ameaça da nossa destruição que representam as armas da União Soviética.

Na realidade, é devido à aguda percepção destes riscos e encargos pela Aliança que esta tem vindo a procurar, firme e pacientemente, um melhor relacionamento com o Leste. E, devido a esse mesmo reconhecimento, é que a Aliança se empenhou em manter apenas essas forças como exigência de estabilidade.

As substanciais reduções unilaterais nos arsenais nucleares da NATO durante os últimos dez anos, e a procura de acordos de controlo de armamento genuinamente estabilizadores, são testemunho desse empenhamento.

No seguimento dos nossos requisitos de segurança e da prova de estabilidade, devemos continuar a diminuir o numero e a proeminência das armas nucleares da NATO.

Não temos ilusões, contudo, quanto ao alcance de reduções unilaterais ou negociadas. Temos de reconhecer que a vontade da Aliança, como um factor de

estratégia inevitável exige, num futuro próximo, um largo número e um diversificado leque de armas nucleares.

Isto significa, por seu turno, que a NATO tem de assegurar ao longo do tempo a eficácia das suas armas nucleares – frente à inevitável obsolescência dos nossos sistemas e aos não menos certos progressos das forças nucleares do Pacto de Varsóvia.

Esta tensão entre a necessidade estratégica e a aversão pública pelas armas nucleares continuará a ser um factor essencial da política da Aliança nos anos vindouros. Devemos fazer o possível para encarar as diferenças entre as exigências da Aliança e as concepções públicas. Para sermos francos com o público devemos explicar qual é a actual – isto é, como é limitada – a contribuição que o controlo de armas representa para a segurança do Ocidente. Do mesmo modo, devemos opor-nos a mais equívocos quanto à necessidade de manter o arsenal nuclear da Aliança e de o manter actualizado.

Este é um desafio sobre o qual a Aliança se debruçou em Outubro passado, altura em que os Ministros da Defesa confirmaram a nossa abordagem passo a passo na manutenção de uma força nuclear moderna.

### **C. A União Soviética**

O *terceiro* dos nossos desafios é a União Soviética.

O que é que é “o factor Gorbachev”? Ao considerarmos a nossa política para o futuro, a questão crucial que se põe é *porque é que* o líder soviético está a alterar a política soviética? Terá o líder soviético decidido aproximar-se dos valores e das instituições ocidentais? Terá Mikhail Gorbachev chegado à conclusão de que a luta ideológica entre duas estruturas de valor totalmente diferentes já não merece a pena? Explicará isto porque é que ele:

aceitou as propostas da NATO para a total eliminação das forças nucleares de alcance intermédio baseadas em terra;

está a retirar-se do Afeganistão; tem pressionado o Vietname a sair do Camboja; tem-se mostrado disposto a ver Cuba deixar Angola.

anunciou a redução de tropas soviéticas estacionadas na Europa de Leste e a reestruturação das forças para uma postura defensiva;

prometeu a retirada da Europa de Leste de seis divisões soviéticas de tanques.

Será que estas alterações foram apenas ditadas pela reforma interna da política soviética? Terá o novo líder soviético reconhecido o erro fundamental de influenciar países vizinhos por meios militares e de controlar os seus cidadãos através da repressão? Em alternativa, será que o líder soviético recuou face à firmeza do Ocidente?

Como normalmente acontece nestas questões, a verdade reside algures no meio. Mas será que as alterações na política soviética não são, em larga medida, resultado do empenhamento da NATO pela defesa e pelo diálogo? Poderemos na verdade argumentar, por exemplo, se Mikhail Gorbachev teria começado a destruir os seus mísseis “SS-20” se o Ocidente não tivesse começado a instalar os seus “Pershings” e mísseis de cruzeiro? Teria ele tomado a decisão de retirar seis divisões da Europa de Leste se não tivéssemos defendido com firmeza a Europa Ocidental?

A nossa abordagem com a União Soviética *mudou*. Lembrem-se das nossas relações nos primeiros tempos da NATO, quando a União Soviética era dirigida por um dos mais impiedosos ditadores da história. Nessa altura, criámos as nossas forças militares para nos defender contra uma maciça e crescente ameaça soviética. Hoje, estamos a procurar formas de reduzir as forças de terra na Europa. Os tempos e as nossas tácticas mudaram, mas os nossos objectivos e estratégias não.

Terão mudado os objectivos soviéticos? Diminuiu a ameaça do Leste? Talvez “ameaça” seja uma palavra errada. Uma melhor forma de fazer a pergunta é: “Será que a União Soviética continua a manter a *capacidade* para desencadear uma acção ofensiva em larga escala contra a Europa Ocidental?”

Deixem-me voltar a esta questão dentro de momentos.

#### **D. A Europa Oriental**

O *quarto* desafio surge da análise do avanço alcançado num dos objectivos da política norte-americana do pós-guerra: nas palavras de George Kennen “numa Europa unida e livre”. Teremos alcançado esse objectivo? Está a Europa unida e livre? Se, de facto, acreditamos naquilo que dizemos, então não podemos ignorar a outra metade deste continente dividido.

O Presidente-eleito George Bush, discursando em Viena há cinco anos, descreveu assim a visita que fez ao muro de Berlim:

“Ao olhar para o Leste, tive a momentânea impressão de estar junto a um posto solitário à beira da civilização ocidental”. Dada a brutal realidade do

muro, esta impressão talvez seja compreensível, mas até que ponto não será verdadeira?

E claro que, historicamente, acrescentou o Vice-Presidente, “nada seria mais errado. O muro, que de uma maneira ou de outra abarca a vida do continente, não corre à beira da Europa mas corta o próprio coração desta”.

Como os líderes da NATO notaram no decorrer da Cimeira de Março, “a confrontação militar na Europa, não é o resultado, não é a causa, da dolorosa divisão que pesa sobre este continente”.

A nossa visão é de uma Europa unida e livre. Apesar de reconhecermos que este objectivo não é isento de riscos, devemos sempre reavivá-lo. As Conversações sobre Estabilidade Convencional proporcionarão uma forma de nos debruçarmos sobre os aspectos militares desta tarefa. É igualmente importante que continuemos a insistir em mudanças económicas, políticas e humanas.

O *status quo* não pode ser aceite apenas porque é cómodo e seguro. Como norte-americano, represento uma nação fundada para preservar os valores ocidentais da democracia e da liberdade. Esta é a razão porque unimos os nossos destinos à Europa há quase quarenta anos. Os europeus que, normalmente, lideram a defesa da liberdade e da democracia no mundo, devem facilmente aperceber-se de que este continente não terá um futuro dinâmico enquanto os seus cidadãos não tiverem autodeterminação.

Dessa forma, a nossa tarefa é encorajar a mudança na Europa de Leste. O desafio é estimular essa mudança sem prejudicar a estabilidade.

### **III. ESTABILIDADE CONVENCIONAL**

Na semana passada, o mundo testemunhou dois importantes passos em prol da estabilidade das armas convencionais na Europa. Mikhail Gorbachev anunciou a sua intenção de reduzir unilateralmente algumas forças soviéticas na Europa de Leste. Entretanto, em Bruxelas, a NATO apresentou a sua posição de abertura para as próximas negociações sobre estabilidade convencional.

Ambas as atitudes parecem reflectir o reconhecimento do principal problema relativo à estabilidade convencional na Europa: a grande assimetria existente entre as forças da NATO e do Pacto de Varsóvia e, especificamente, o grande número de tanques soviéticos instalados perto da fronteira interior alemã. Sem comentar os objectivos

políticos muito diferentes que estas forças servem, os EUA têm quatro divisões na Europa Ocidental, a União Soviética tem trinta e uma na Europa de Leste.

Destas trinta e uma divisões, vinte encontram-se na Alemanha Oriental; onze são divisões de tanques. Uma vez que esta força soviética está tão perto da NATO e com tantos tanques – quer dizer, com capacidade ofensiva – representa a mais séria ameaça à estabilidade em toda a Europa.

Além disso, existem cinco divisões soviéticas na Checoslováquia (incluindo duas divisões de tanques), quatro divisões na Hungria (duas das quais divisões de tanques) e duas divisões na Polónia (sendo uma delas divisão de tanques). Mas não há dúvida: a maior ameaça à estabilidade na Europa são as divisões soviéticas com inúmeros tanques estacionados na Alemanha Oriental.

Mikhail Gorbachev tomou uma importante decisão no sentido de resolver este problema; prometeu retirar e desmantelar seis divisões de tanques na Europa de Leste. A próxima prova demonstrativa da seriedade de Mikhail Gorbachev no reforço da estabilidade será se ele irá ou não retirar da Alemanha Oriental – pelo menos – quatro destas divisões.

A proposta da NATO – resultado de deliberações da Aliança particularmente intensivas nos últimos 12 meses – refere-se, igualmente ao problema da instabilidade devido à grande assimetria e concentração de tanques soviéticos e de armas móveis na Europa de Leste.

Propusemos que o número de tanques existente actualmente em toda a Europa deveria ser reduzido para metade – uma redução de cerca de 80 000 actualmente existentes para 40 000. Propusemos, também, limites comuns e iguais – isto é, um limite de 20 000 tanques para cada um dos lados. Propusemos, igualmente, limites comuns para artilheria e transportes blindados. Estas armas, juntamente com os tanques, são utilizadas ofensivamente para conquistar e ocupar território.

Mas só a paridade não chega para assegurar dominar o continente pela força das armas. Assim, achamos que é razoável que nenhum país tenha mais do que cerca de um terço de todos os tanques estacionados na Europa.

E, se a estabilidade for o objectivo a atingir, será razoável sugerir uma limitação das forças nacionais estacionadas no território de outras nações. Por exemplo, dos 37 mil tanques soviéticos que se encontram desde o Atlântico até à zona dos Urais, cerca de 11 mil encontram-se actualmente em unidades no território de outras nações. (Em contrapartida, os EUA. apenas dispõem de 1 800 tanques em unidades que se encontram no território dos seus aliados, sem discutir novamente as diferentes

justificações morais.) Esta significativa presença militar soviética fora da sua fronteira não contribui para a segurança.

Aparentemente, Mikhail Gorbachev concorda com este facto. Prometeu reduzir para 5 mil o número dos tanques no território da Europa de Leste. Isto poderia dar a entender que menos de 6 mil tanques ficariam na Europa de Leste. Este é, evidentemente, um passo no caminho certo. E sugere que, tanto a sua análise como a nossa, no sentido de aumentar a estabilidade na Europa, pode ser consistente.

A próxima medida de Mikhail Gorbachev será ver se, na realidade, os 5 mil tanques soviéticos irão ser retirados ou apenas transferidos para forças na Europa de Leste visando substituir forças mais antigas e sistemas menos eficazes que, por sua vez, seriam retirados.

Se o Pacto de Varsóvia e as nações da NATO chegarem a acordo sobre as várias formas de reforçar a estabilidade na Europa, poderão também concordar no principal objectivo da redução de forças: paridade. Discurso após discurso, os líderes do Pacto de Varsóvia têm afirmado nos últimos dois anos que o seu objectivo é a paridade das forças convencionais na Europa. Concordamos. A nossa proposta, apresentada em Bruxelas na semana passada, dar-nos-á a paridade. O anúncio em Nova Iorque, feito por Mikhail Gorbachev, é um passo no sentido da paridade.

A tarefa à nossa frente, neste momento, é negociar compromissos internacionais de paridade – de igualdade – assim como limites de reforço da estabilidade expressos na proposta da NATO. Os ousados e inovadores passos de Mikhail Gorbachev são bem vindos e calorosamente aplaudidos. Mas perdoar-se-á aos cépticos se estes argumentarem que o que pode ser feito unilateralmente pode ser desfeito unilateralmente. Na verdade, vários antecessores de Mikhail Gorbachev anunciaram retiradas unilaterais das forças soviéticas da Europa de Leste apenas para que sucessores seus menos esclarecidos as tivessem reintroduzido subrepticamente no teatro. No seu anúncio, Mikhail Gorbachev não mencionou a abertura e a verificação. Estas medidas são vitais para a estabilidade. A nossa proposta contém um rigoroso e sólido regime, visando o controlo e a verificação – incluindo troca de informações e inspecções no local. Propusemos uma troca de informações global e anual relativamente à organização militar, mão-de-obra, equipamento e programas de instalação de armas. Sugerimos um sistema de avaliação ao acaso. Sugerimos a entrega de informações mais pormenorizadas no caso de serem anunciados exercícios militares; melhor observação das actividades militares; maior abertura e previsibilidade das actividades militares; e contactos mais alargados entre os militares

e os órgãos de comunicação social de ambos os lados. Propusemos e organizámos trocas de pontos de vista sobre doutrina militar e forças estruturais.

Em suma, estamos empenhados na verificação, previsibilidade e transparência – componentes importantes da estabilidade. Após o discurso de Mikhail Gorbachev na semana passada, um diário definiu-o como “os 70 minutos que abalaram o mundo”. Se o mundo está abalado não é por depender do que ele disse – mas daquilo que ficou por dizer e daquilo que ainda está por fazer.

#### **IV. CONCLUSÃO**

Iniciei este discurso enumerando as nossas acções – desde a implementação do tratado INF até à promessa de estabilidade convencional na Europa. E um registo de que nos podemos orgulhar e, no entanto, a imprensa relatou que “o mundo... bocejou” quando apresentámos a nossa proposta na semana passada.

Não menosprezemos o crédito que o líder soviético merece pelas suas corajosas iniciativas. Quando o agressor anuncia uma reforma, todos nós devemos reparar nela. Mas não se retira daí a ilação de que a parte afectada deve actuar da mesma maneira.

Não estejam à espera que *nós* anunciemos uma redução unilateral de armas convencionais da NATO –\_não, enquanto a vantagem do Pacto de Varsóvia permanecer de 2 ou 3 para 1.

Não estejam à espera que *nós* anunciemos uma mudança de urna postura ofensiva para uma postura defensiva. Há quarenta anos que a nossa postura tem sido defensiva.

Não estejam à espera que *nós* anunciemos a adopção de economias de mercado. Há 400 anos que as estamos a aperfeiçoar.

Não esperem que *nós* nos comprometamos a respeitar os direitos humanos. O nosso respeito pelos direitos humanos liga-se a tradições que remontam há pelo menos 4000 anos.

A NATO prosseguirá na senda das nossas tradições, descritas na nossa carta de 1949: “promover a estabilidade e o bem-estar na zona do Atlântico Norte”.

Numa palavra, não esperem efeitos pirotécnicos – não, enquanto a União Soviética responder à nossa agenda. Se os líderes soviéticos começaram a partilhar a nossa visão, tanto melhor. Mas não nos esqueçamos de estender o nosso apreço às muitas

peças no Leste que, há anos, partilham esta visão, desde um guarda florestal reformado na Checoslováquia até ao trabalhador de um estaleiro na Polónia.

Há vinte anos, tanques soviéticos puseram um fim brutal à Primavera de Praga. Há menos de uma década, a mesma mão esmagou as esperanças do “Solidariedade”. Assim, hoje, enquanto Alexander Dubcek está a ser condecorado em Bolonha e Lech Walesa é festejado em Paris, não nos esqueçamos da visão que motivou esses homens.

Que visão é esta? É a que os líderes ocidentais subscreveram na Cimeira da NATO em Março passado, com as seguintes palavras:

“Procuramos eliminar os desequilíbrios convencionais que tanto ameaçam a estabilidade e a segurança na Europa. Procuramos, igualmente, maior respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais dos quais dependem a segurança e a estabilidade duradouras”.

Deixem-me acabar convidando-os a um cuidadoso estudo da agenda da NATO para as Conversações sobre Estabilidade Convencional e ao vosso apreço pela visão ocidental que lhe é subjacente